

Em 1923, a Junta de Saúde Naval negou a Sacadura Cabral autorização para voltar a voar. Tinha-lhe sido diagnosticada uma redução considerável da sua capacidade visual, e o mais notável dos aviadores portugueses perdeu o seu brevet. No ano seguinte, porém, voou para a Holanda para trazer para Portugal três aviões modelo Fokker - na sequência de um acordo que tinha sido assinado entre os dois países. Uma viagem de que nunca regressaria.

O que terá provocado o acidente que vitimou Sacadura Cabral e Gago Coutinho? O nevoeiro? Uma falha técnica? Um boicote dos americanos...?

"O Céu de Sacadura - Tragicomédia Ambígua" é o título do espectáculo que se estreia esta noite no Dona Maria II, e que faz esta e outras especulações em volta de uma das nossas figuras históricas de maior interesse. O texto, da autoria de Luísa Costa Gomes, retrata Sacadura Cabral como um herói idealista, um homem para quem Portugal era demasiado pequeno, um homem que teve de lutar contra tudo e contra todos para conseguir o feito que inscreveu o seu nome na História.

Ainda assim, morreu sem ter conseguido concretizar o sonho que mais perseguia: o de repetir a proeza de Fernão de Magalhães e realizar a circum-navegação aérea. Aliás, ao longo do espectáculo, assinado por Nuno Carinhas, vão-se estabelecendo muitos paralelos entre os dois homens, e Sacadura é frequentemente evocado como "o último dos grandes navegadores portugueses".

O texto tem uma estrutura fragmentária: dividido em dois actos, constituídos, respectivamente, por oito e dez cenas. A acção não é linear, mas antes feita por saltos no tempo: assistimos primeiro à morte de Sacadura Cabral, por exemplo, e só depois vemos como foi o seu primeiro encontro com a noiva. Assim, numa sucessão de quadros que têm frequentemente intervenções musicais - o espectáculo chegou a ser anunciado como uma "opereta" - vai-se tomando contacto com as várias facetas da vida deste homem e naquilo em que se tornou, depois de morto, ou seja, um mito.

Somos bestiais

"O que é que hão-de pensar de nós daqui a 50 anos?", pergunta Gago Coutinho ao comandante pouco tempo antes de morrer. Não há uma, mas várias respostas possíveis. Para alguns, Sacadura foi um verdadeiro herói, para outros, nem por isso, afinal, "não fez nada sozinho..." Para outros ainda,



O trabalho de corpo é um dos ingredientes que faz com que este espectáculo funcione, uma vez que os actores ocupam o palco de forma convincente

SACADURA CABRAL DE VISTAS LARGAS

Zimbabué retira veto a 'L.A. Confidencial'

O Comité de Censura do Zimbabué retirou ontem o veto a "Los Angeles Confidential" ("L.A. Confidential" no original), dois dias depois do filme norte-americano ter ganho dois Óscares (para melhor argumento adaptado e actriz secundária, Kim Basinger).

Jimmy Pereira, responsável pela distribuidora local Rainbow Theaters, disse ter sido notificado pelo governo que o seu pedido de recurso tinha sido aceite. Adiantou que não havia razão específica para o filme ter sido vetado e, no seu apelo, falou da boa opinião da crítica internacional e das nomeações para os Óscares.

"Los Angeles Confidential" um filme que reco-



um mero pretexto para se argüírem estatutos e rejeitarem datas. E aí, a peça de Luísa Costa Gomes dá algumas alfinetadas directamente apontadas a alguns dos "defeitos" da Alma Lusa.

A pequenez, a burocracia incapacitante, a impossibilidade de "fazer coisas" passam por "O Céu de Sacadura", muitas vezes materializadas em personagens como ministros ou deputados. Por

outro lado, estes aparecem-nos tão ridículos como a canção cantada pelo "povo", qualquer coisa como: "Na navegação, somos os primeiros/Na aviação, somos os primeiros/Hóquei em patins, somos os primeiros... /Somos bestiais, somos mesmo bons." Como se realiza cericamente, este texto? O cenário do espectáculo, da responsabilidade de João Mendes Ribeiro, prima pela simplicidade: o espaço é habitado por uma bola rotativa gigantesca, que simboliza o mundo sobrevoado por Sacadura, e por alguns pedaços de aviões, ora suspensos no ar, ora acentes em terra. De resto, o fundo em ciclorama e algumas projecções completam os "efeitos especiais" usados neste trabalho, que tem ainda um desenho de luz bastante cuidado (Daniel Worm d'Assumpção).

O trabalho de corpo é o outro dos ingredientes que faz com que este espectáculo funcione, uma vez que os actores ocupam o palco de forma convincente. São eles Ana Bustorff, António Rama, Fernanda Alves, Fernando Luís, João de Carvalho, João Grosso, Manuel Coelho, Marcello Urgeghe, Mónica Garnel, Paula Mora, Pedro Martinez e Raquel Dias. Completam a ficha artística os nomes de Luís Bragança Gil (música), José Fortes (desenho de som), e Luís Madureira (voz e elocução).

Porque se comemora o Dia Mundial do Teatro, "Céu de Sacadura" terá, esta noite, entrada livre.

Texto: **Ana Maria Ribeiro**

Fotos: **Hugo Correia**

Peça de Luísa Costa Gomes estreia-se no Nacional

A peça de Luísa Costa Gomes retrata Sacadura Cabral como um herói idealista, um homem para quem Portugal era demasiado pequeno



perou o género negro, segue uma história de crime e corrupção na cidade dos anjos nos anos 50. E, segundo um jornal local, "The People's Voice", foi proibido por as autoridades temerem a repetição dos motins, ocorridos no país em Janeiro último.

No entanto, depois das estatuetas douradas o filme passou a ser visto com outros olhos. "Obviamente, agora queremos passar a fita nas nossas salas o mais depressa possível", acrescentou Jimmy Pereira.

Refira-se que o Comité de Censura do Zimbabué é dos mais rígidos. Chegaram a vetar o filme "Straship Troopers - Soldados do Universo" por o considerarem muito violento e com cenas degradantes, nomeadamente as que mostram insectos a comer humanos.

Cineclube sobe 'A Escada de Serviço'

PORTO (Delegação) - Em mais uma sessão "Arte Muda", o Cineclube do Porto exhibe hoje, pelas 22h00, na sua sede, o filme alemão "A Escada de Serviço", de Leopold Jessner e Paul Leni.

Todos os filmes do Kammerspiel ("Teatro de Câmara") tratam de conflitos num espaço fechado. Este clássico do cinema alemão não é excepção. Paul Leni, decorador e pintor, colaborou com cineastas de vanguarda, antes de abordar ele mesmo a realização em 1924. Com Jessner, concretiza um argumento de Carl Mayer, autor a quem, no cinema, o Kammerspiel deve tudo.

Após "Caligari", Mayer esforça-se por esquecer as divagações para se dedicar à descrição dum meio popular, de onde a maldição emana menos de uma diabólica fatalidade, do que da injustiça dos homens.